



TPS Productions Focus

O empresário exótico vivido pelo ator assegura um torvelinho de confusões a 'O Esquema Fenício'

“Existe um olhar cheio de esperança nesse filme. Todo mundo nesse projeto tinha um senso de tom do que cada personagem deveria ser”

BENICIO DEL TORO



Divulgação

Estreia do ator de 58 anos, em 1987, em 'Miami Vice', com o galã dos anos 1980, Don Johnson



Divulgação

Urso de Prata da Berlinale e Oscar para Benicio del Toro por 'Traffic', em 2001



K.C. Bailey/Divulgação

'Che O Agentino' deu a Benicio o prêmio de Melhor Interpretação Masculina em Cannes, em 2008

Benicio também foi na onda do colega, esbanjando humor numa coletiva de imprensa em que o Wes explicou ao Correio da Manhã a suntuosidade visual de uma trama sobre os infortúnios no caminho do empresário Zsa-Zsa Korda. “É um papel suculento, por estar cheio de contradições que encontro já formuladas no script”, disse Del Toro ao falar de seu personagem, emblemático na fauna de gente excêntrica que Wes filma desde “Três É Demais” (“Rushmore”, 1998), com Murray.

Na explicação que deu ao Correio, o realizador texano destacou a colaboração com a oscarizada figurinista Milena Canonero. “Tem pelo menos uns 23 anos que

trabalho junto com ela, que tinha as melhores credenciais. Quando vou jantar com a equipe, não posso levar toda a gente para a mesa. Aí, ela me aparece na janta sempre, todas as noites, e chega cercada pelos onze profissionais que trabalham consigo. Ela força essa turma a trabalhar por horas e horas sem parar. A Milena é assim”.

Esse jeitinho peculiar da designer de moda assegura elegância ao vestuário de “O Esquema Fenício” ao narrar o périplo de Zsa Zsa (um grosseirão nato) para forjar laços de afeto com a filha, a freira Liesl (Mia Threapleton), enquanto guerreia contra o irmão que odeia, Nubar (Benedict Cumberbatch), e combate espionagem industrial.

Toda hora alguém tenta mata-lo, o que o leva a carregar granadas consigo.

“Benicio é o centro do filme, um ímã”, disse Wes na Croisette, de onde “O Esquema Fenício” saiu cravejado de elogios.

Integrante do universo Marvel, nas telonas e na Disney + no papel do Colecionador, Benicio foi tentar a sorte na indústria americana no fim dos anos 1980, a lado de Don Johnson e Phillip Michael Thomas em “Miami Vice”, mas demorou a receber papéis de peso, sobretudo fora da TV. Um de seus primeiros filmes exitosos foi “Os Suspeitos” (1995). Em 2001, ele ganhou o Urso de Prata da Berlinale por sua interpretação em “Traffic”, sucesso que lhe rendeu o Oscar de Ator Coadjuvante. Em 2008, foi a vez de Cannes reverenciá-lo com a láurea de Melhor Atuação por “Che”, dada com unanimidade por um júri chefiado pelo supracitado Sean Penn, que disputa o Globo de Ouro com ele, por “Uma Batalha Após a Outra”.

“O maior desafio nesse trabalho não passava apenas por questões políticas, mas pelo esforço de mostrar a humanidade de um ícone”, disse Del Toro ao Correio da Manhã, à época, num papo que voltou a retomar em 2021, quando participou de “Nenhum Passo Em Falso”, exibido no Festival de Tribeca.

Foi seu trabalho de maior prestígio nos últimos anos, ao lado de um elenco estelar (Don Cheadle, Ray Liotta, Brandon Fraser), sob a direção de seu recorrente parceiro de set, Steven Soderberg, centrado numa trama de assalto, na Detroit dos anos 1950. “Falava-se muito de ‘O Grande Golpe’, de Kubrick, nas filmagens por estarmos em um ambiente criminal dos anos 1950 e de gangsters”, disse Benicio via zoom ao Correio. “É um elenco enorme onde todos combinamos nossas habilidades e talentos. Esse é o tipo de cinema que me instiga: aquele que combina talentos e paixões”.

Em 2008, Benicio veio ao Brasil para a exibição de “Che” na Mostra de São Paulo e falou com respeito de seu carinho pelo cinema autoral latino. “Estamos sempre desafiando contradições sociais”, disse, na ocasião, desfilando pela Pauliceia com um pirulito na boca.

Em 2010, Del Toro integrou um time de jurados liderado por Tim Burton na escolha da Palma de Ouro de Cannes (entregue, naquela data, ao tailandês Apichatpong Weerasethakul) e, em 2018, presidiu o júri da seção Un Certain Regard. Na ocasião, ele explicou: “Ao analisar a violência nas Américas, eu tenho uma crença de que a justiça pode prevalecer quando é respaldada pela lei e pelo desejo de ordem social”, disse Benicio. “Mas não é sempre que isso acontece. A arte é uma forma de buscarmos soluções”.